

Inovação através de transposição

Novos caminhos na interface entre a arte e a ciência

Eugen Blume

Em setembro de 2001 foi realizado um colóquio de vários dias na sala Wandelhalle da Galeria de Pintura dos Museus Estatais de Berlim (Staatliche Museen zu Berlin), sobre a tese

principal da exposição "A arte como ciência e a ciência como arte", planejada pelo autor deste artigo e por Eckhart Gillen. No título dessa mostra vinha formulada a conjunção "como". A arte

como ciência versus a ciência como arte significa basicamente a tentativa de uma revisão da idéia de que ambas se desenvolveriam independentes uma da outra. Foi somente no século XIX que surgiu o conceito singular de "arte", pois nos séculos anteriores, apesar de todo compromisso decorativo e puramente reprodutivo, ela tinha mantido a originalidade de agir no mínimo nas linhas divisórias com a ciência. Ainda no século XVI, no começo da modernidade, era muito natural que o artista também fosse cientista. Ao mesmo tempo em que a arte reclamou a sua autonomia, no século XIX, os românticos exigiram da arte uma nova unidade universal entre ciência e arte. Através da revolucionária descoberta de Albert Einstein, no começo do século XX, a ciência começou novamente a operar em setores, nos quais as



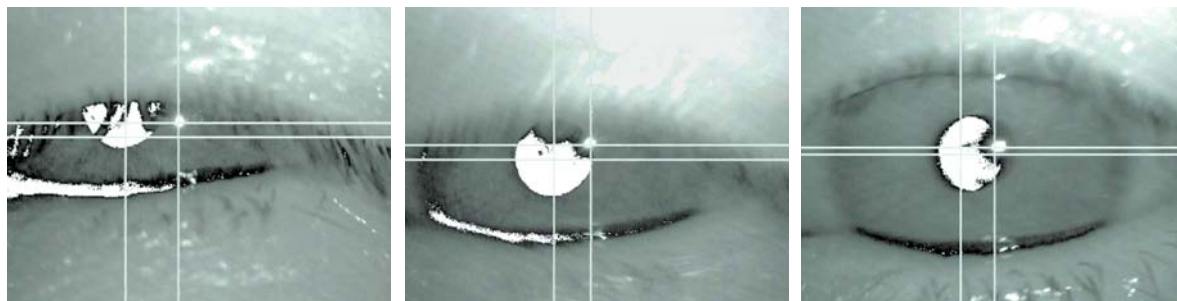
Gabriele Leidloff

Christine Feuz



Penetrando por imagens do mundo: a artista Gabriele Leidloff dá transparência aos planos atrás da superfície. Acima, "X-ray film-strip", de 1997

Ciência das artes: transpor fronteiras, descobrindo o novo. "Eyetracking", de 2004





Experimento de imagem: acareação de uma apresentadora de tvê com uma impressão de gesso de coleção científica: "CHANNEL 4 Ugly Casting", de 2004

artes já se encontravam permanentemente.

Nas épocas mais recentes, nota-se um grande interesse dos artistas por campos problemáticos da ciência. Um exemplo disto é a artista Gabriele Leidloff, residente em Berlim, que trabalha fazendo pesquisas sobre questões neurocientíficas. Seu princípio artístico é originário da própria biografia profissional, que já é testemunha de uma forma de trabalho interdisciplinar. Ela é tanto uma artista das artes plásticas, como dramaturga, atriz e docente universitária, trabalhando em diversas disciplinas correlacionadas. As experiências que ela obtém nesses diversos campos são as condições decisivas para desenvolver a sua atividade

científico-artística. Neste particular, o conceito de "científico-artística" não deve ser compreendido como uma disciplina histórico-artística, mas sim como uma estratégia científica da artista. Um dos seus mais importantes projetos é "log-in/locked out", iniciado internacionalmente no ano de 1997 e que vem sendo permanentemente atualizado na internet como um fórum entre arte e ciência, promovendo já por muitos anos o contato entre as mais diferentes pessoas, entre cientistas e artistas (www.locked-in.com).

"Locked-in-Syndrom" é descrito pela medicina como aquele raro estado de uma pessoa, no qual ela sofre paralisia completa de todas as faculdades comu-

nicativas, sem que as faculdades intelectuais sejam afetadas. Uma comunicação só é possível por vias indiretas. Gabriele Leidloff transpõe esse estado neurofisiológico para os sistemas digitais de comunicação que, a grandes distâncias, somente permitem transmissões indiretas de informações, que omitem o "emissor" em seu todo, como personalidade real. Além disso, o projeto indaga sobre como funcionam nossos processos de percepção no cérebro. Um arquivo "neurocientífico", que armazena as mais novas descobertas da pesquisa do cérebro, é parte do fórum interdisciplinar que foi iniciado pela arte. Nos últimos tempos, a pesquisa mostrou descobertas essenciais sobre a forma de funcionamento do cérebro, através das possibilidades digitais de visualização, sendo que essas representações gráficas também mostram qualidades estéticas.

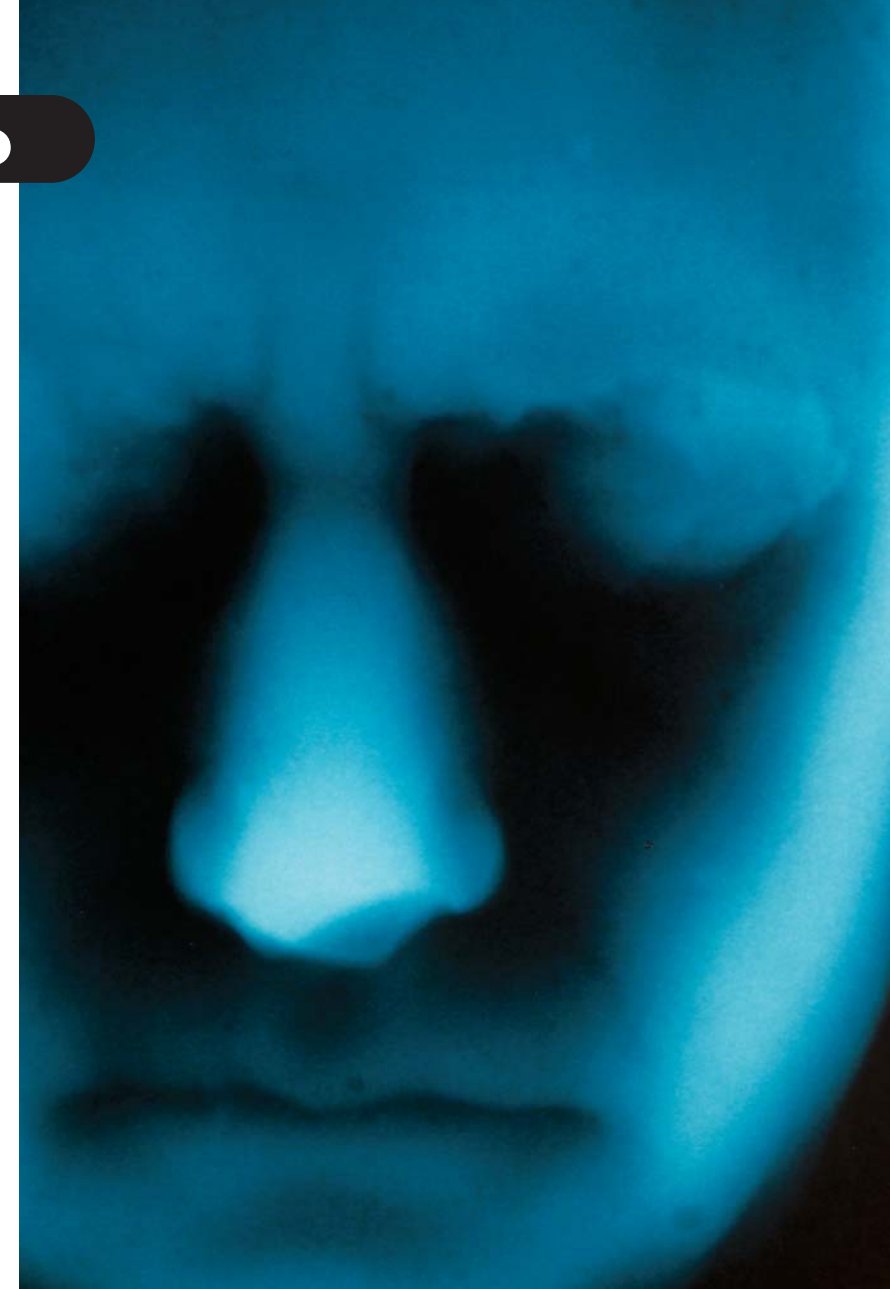
Leidloff e outros artistas aproveitam essas qualidades estéticas, integrando-as nos seus próprios trabalhos artísticos. O conjunto "Ugly Casting 1.2", criado por Gabriele Leidloff para a exposição da coleção de ciências naturais "Theatrum naturae et artis" da Humboldt-Universität, realizada no museu Martin-Gropius-Bau de Berlim no ano 2000, reúne várias obras da artista. "Ugly Casting" baseia-se num processo científico de reprodução que a artista empregou repetidas vezes: chapas de radiografia fotografadas. Primeiramente, ela havia experimentado com máscaras de pessoas vivas e máscaras mortuárias. A radioscopia da máscara de gesso de Johann Wolfgang von Goe-

the, por exemplo, trouxe à luz um resultado impressionante: na experiência visual fotográfica do homem moderno, essa máscara se transforma em um retrato fotográfico vivo do poeta. Apesar de que este retrato seja esquemático e seus detalhes reduzidos, os olhos humanos são levados a imaginar as partes suaves de uma face. O que a máscara de gesso não pode mostrar torna-se claramente visível: a psicogeografia do rosto. De maneira semelhante, "Ugly Casting" funciona como um experimento de reprodução de uma coleção de formas de gesso das cabeças de criminosos guilhotinados na época do nazismo. O contexto científico desta coleção não existe mais. Possivelmente, ela teria servido para a pesquisa dos supostos rastos fisionômicos de regiões cerebrais que influenciariam atos criminosos. Leidloff usou fotograficamente duas cabeças que por acaso estavam lado a lado na caixa original de conservação, sugerindo a impressão de uma aproximação carinhosa. A artista dá maior força à imaginação, insinuando um movimento das cabeças, pois encena essa imagem com uma seqüência de fotos de onze partes e uma seqüência sintetizadora de vídeo. A ternura visível está em evidente contradição com o material pseudocientífico e com o fundo inumano. Esta obra poderia ser compreendida como a tentativa de uma cura, sem todavia negar o contexto original que, ao contrário, se resalta ainda mais.

O que a ciência torna visível com seus complicados processos medicinais por imagens serve para diagnósticos exatos e mesuráveis que, todavia, se excluem da ampliação intuitiva. É neste ponto que a artista começa o seu trabalho, ampliando o visível através do emprego de técnicas científicas, colocando-o no espaço espiritual de uma obra de arte. O que a arte torna visível através dos séculos é o lado metafísico do visível que a ciência é obrigada a excluir, por causa do seu natural materialista. Com respeito à arte, surge neste particular uma verdadeira intersecção de resultados de pesquisa de motivos diferentes, levando consequente-

mente a reconhecimentos que somente são possíveis através desses caminhos científico-artísticos.

O emprego de radiografias na obra de Gabriele Leidloff apresenta aquilo que a artista procura tornar visível: a representação de um segundo plano além da superfície. Ela pesquisa esse plano em consubstancialidades reais, como nos processos mentais. Trata-se de uma radioscopia de enorme quantidade de fenômenos de imagens, mas também de produtos de imagens congelados e reduzi-

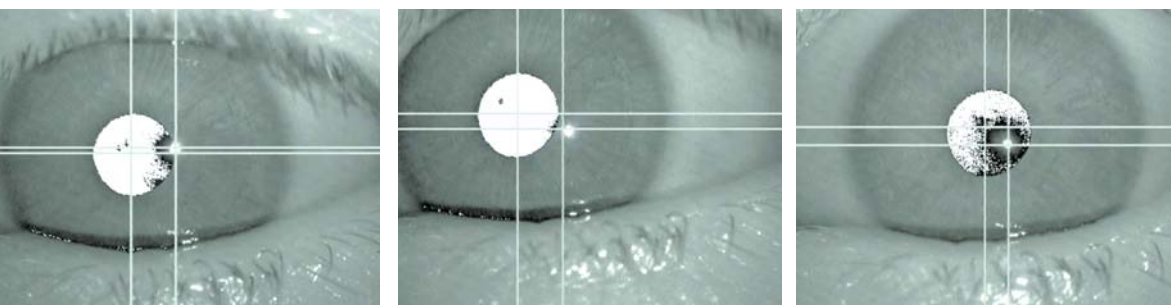


Examinando a fundo: na radiografia da máscara de gesso de Goethe, os olhos imaginam um retrato muito vivo do poeta. "Goethe", de 1996

dos, como as máscaras mortuárias ou os manequins de vitrine, cujo plano puramente material revela também uma conotação espiritual. Como artista, Leidloff não se deixa prender a um campo delimitado entre a arte e a ciência, mas cria arte como ciência.



DR. EUGEN BLUME
O perito em artes é diretor da galeria nacional na Hamburger Bahnhof, Museum für Gegenwart, em Berlim



De 19 de agosto a 8 de outubro, o Instituto Goethe estará mostrando em Berlim as obras de Gabriele Leidloff. Seu fórum "log-in/locked out" está na internet: www.locked-in.com

Copyright: Gabriele Leidloff